

“NA CHAMADA, A PROFESSORA DIZ PANTERA NEGRA”:

ENSAIOS FOTOGRÁFICOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

MS. IZAÚ VERAS GOMES

Mestre pelo Mestrado Profissional em Educação e Docência da Universidade
Federal de Minas Gerais – UFMG
Professor da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte – MG

Resumo | Pensar práticas pedagógicas que saiam do eixo esportivo tradicional ou da perspectiva biológica na Educação Física escolar ainda é desafiador, mas os trabalhos com o corpo e ressignificação das identidades são uma grande potencialidade para uma educação para as relações étnico-raciais. Compartilho aqui experiências sobre práticas pedagógicas em Educação Física escolar, nas quais fizemos ensaio e exposição fotográfica durante 2018 e 2019. O projeto teve como objetivo estimular a capacidade de reconhecer e valorizar a história, as contribuições culturais e a corporeidade da população negra. Atravessada por muitas subjetividades, a avaliação permite afirmar que o projeto teve muitos impactos positivos para a comunidade escolar e tem se configurado como projeto institucional.

Palavras-chave | Educação Física escolar; Étnico-racial; Fotografias.

“ON THE CALL THE TEACHER SAYS BLACK PANTHER”: PHOTO ESSAYS IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES

Abstract | Thinking about pedagogical practices that leave the traditional sports axis, or from the biological perspective, in school Physical Education is still challenging, but the work with the body and the reframing of identities has a great potentiality for an education for ethnic-racial relations. Experiences on pedagogical practices in school Physical Education are shared here, in which we did a photo essay and exhibition during 2018 and 2019. The project aimed to stimulate the ability to recognize and value the history, cultural contributions and corporeality of the black population. Crossed by many subjectivities, the evaluation allows to affirm that the

project had many positive impacts for the school community and has been configured as an institutional project.

Keywords | School physical education; Ethnic-racial; Photographs.

“EN LA CONVOCATORIA EL MAESTRO DICE PANTERA NEGRA”: ENSAYOS FOTOGRÁFICOS EN LAS CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA

Resumen | Pensar en prácticas pedagógicas que salen del eje deportivo tradicional, o desde la perspectiva biológica, en la Educación Física escolar sigue siendo un desafío, pero el trabajo con el cuerpo y la resignificación de identidades es un gran potencial para una educación para las relaciones étnico-raciales. Comparto aquí experiencias sobre prácticas pedagógicas en Educación Física escolar, en las que realizamos un ensayo fotográfico y exposición durante 2018 y 2019. El proyecto tuvo como objetivo estimular la capacidad de reconocer y valorar la historia, los aportes culturales y la corporeidad de la población negra. Atravesado por muchas subjetividades, la evaluación permite afirmar que el proyecto tuvo muchos impactos positivos para la comunidad escolar y se ha configurado como un proyecto institucional.

Palabras clave | Educación física escolar; Étnico-racial; Fotografías.

INTRODUÇÃO



Figura 1 – Estudantes sorrindo durante ensaio (Projeto, 2019).

O que as fotografias acima despertam em você? Quantos conhecimentos, atravessamentos emocionais e histórias são mobilizadas quando nos deparamos com uma fotografia?

Faço o convite para trocarmos ideias ao longo deste texto, a fim de refletirmos sobre a Educação para as Relações Étnico-raciais na Educação Básica Pública, especificamente na Educação Física escolar, através do relato de uma experiência pedagógica.

Durante os anos de 2018 e 2019, foram realizados dois ensaios fotográficos como parte do projeto “Na chamada, a professora diz Pantera Negra, eu respondo presente!”¹, em uma escola da rede municipal de Belo Horizonte com estudantes do terceiro ciclo².

O projeto foi desdobramento da perspectiva curricular na Educação Física sobre educação dos corpos e identidade e sob o viés da história da luta antirracista e do protagonismo negro em diversas instâncias culturais, artísticas, esportivas, intelectuais e políticas. No primeiro ano de aplicação, trabalhamos com importantes personalidades negras político-culturais que trazem à tona saberes identitários e estético-corpóreos que historicamente tensionam as relações de poder neste país e nos ensinam muito mais do que comumente imaginamos (GOMES, 2017). No segundo, trabalhamos com a temática do cabelo, pensando também a construção da estética negra e do cabelo como marca identitária inseparável do plano político³ (GOMES, 2008).

O projeto foi realizado acreditando que é preciso romper com o modelo regulador de educação pautado em currículos frios, poucas mudanças de paradigmas e em práticas docentes que reproduzem uma normatização do conhecimento e experiência universalizante (hooks, 2017), trazendo

-
1. O título é verso de uma música do rapper belorizontino Djonga, que foi citado por um dos estudantes ao publicar sua foto do ensaio nas suas redes sociais, utilizando este trecho como legenda.
 2. O ensino fundamental da rede municipal de Belo Horizonte é dividido em três ciclos de três anos, sendo o terceiro ciclo correspondente aos anos finais, sétimo ao nono ano.
 3. Gomes (2008) ressalta que o cabelo é uma forte marca identitária para a população negra e continua sendo visto, em algumas situações, como marca de inferioridade. Sua revalorização extrapola o individual, sendo positiva para todo coletivo.

novas possibilidades de emancipação para o povo negro, uma vez que “a educação escolar tem sido um dos principais meios de socialização de discursos reguladores sobre o corpo negro” (GOMES, 2017, p. 95).

Contudo, as definições de habilidades previstas na Base Nacional Comum Curricular⁴ para a Educação Física escolar dialogam com um trabalho centrado em fotografias e na exaltação da história e estética negras? O que um trabalho como esse tem de ligação com a Educação Física?

A Educação Física tem muito a contribuir na reeducação por um corpo histórico e é nesta perspectiva, baseado também no parecer nº CNE/CP 003/2004, que o trabalho desenvolvido prezou por ações que:

[...] Entre os negros, poderão oferecer conhecimentos e segurança para orgulharem-se da sua origem africana; para os brancos, poderão permitir que identifiquem as influências, a contribuição, a participação e a importância da história e da cultura dos negros no seu jeito de ser, viver, de se relacionar com as outras pessoas, notadamente as negras. (BRASIL, 2004)

Assim, foi objetivo da proposta promover ação afirmativa para estimular a capacidade estudantil de reconhecer e valorizar a história, a cultura, a corporeidade e as contribuições do povo negro no Brasil e no mundo.

Ambas as exposições contaram com mais de 60 fotografias cada, com textos informativos sobre as personalidades negras representadas no primeiro ano, e textos sobre a relação pessoal com seu cabelo, no segundo ano. A montagem se deu durante a Semana da Consciência Negra⁵ com auxílio das/os próprias/os estudantes e foi exposta por mais de uma

4. A Base Nacional Comum Curricular trabalha com o conceito de competências que se configuram como os direitos de aprendizagem e desenvolvimento de cada estudante. As habilidades são consideradas “práticas cognitivas e socioemocionais” e seriam parte fundante dessas competências. Na Educação Física, a organização curricular é feita a partir de unidades temáticas; objetos de conhecimento, que são subdivisões das unidades temáticas; e descritores de habilidades necessárias para cada objeto do conhecimento. Ao todo, são 69 descritores de habilidades para todo ensino fundamental.

5. A escola ainda não possui, como parte de seu projeto político-pedagógico, o trabalho sistêmico com a educação para as relações étnico-raciais ao longo do ano letivo. Contudo, foi adotado como estratégia que o projeto fosse estabelecido nessa semana como tentativa de sensibilização. Ressalta-se que, embora esse também seja marco importante, é um erro comum pensar ser suficiente realizar trabalhos apenas em datas comemorativas.

semana. Esse tipo de ação afirmativa possibilita criar outras narrativas contra os estereótipos racistas sobre o corpo negro⁶ e, de maneira micro, busca modificar a estrutura estatística de desigualdade racial da Educação Básica brasileira, na qual a população negra tem taxas preocupantes de distorção idade-série, evasão escolar e analfabetismo consideravelmente maiores do que os da população branca (IPEA, 2016).



Figura 2 – Exposição (Acervo Pessoal, 2018).

6. Fanon (2008) discorre sobre como o corpo negro é desumanizado através do processo de colonização. Daí, surgem inúmeros estereótipos racistas que recaem sobre homens negros do qual não escaparão nem com maior nível de educação (hooks, 2015), tais como o negro violento, hipersexualizado ou malandro. A mesma lógica se aplica sobre as mulheres negras, que sofrem com a superexploração e estereotipação dos papéis sociais de mulata (hipersexualização), doméstica (trabalho) e mãe preta (cuidados maternos), processos muito bem apresentados por Lélia González (1980). Maranhão (2016) discute sobre como esses estereótipos racistas recaem sobre estudantes negros especificamente nas aulas de Educação Física, alertando sobre os problemas de fornecer explicações biológicas para fenômenos culturais africanos, como se as habilidades desses corpos não fossem fruto de construção sócio-histórico-cultural, mas do acaso, da “raça”. Pinho (2005) identifica que professores de Educação Física constroem biografia a partir de expectativas identitárias racializadas dos estudantes, sem realmente conhecer sua identidade pessoal, reforçando e mantendo o estigma social do negro, atribuindo previamente o fracasso ou as falhas aos estudantes por uma estereotipia negativa; bem como a preferência pela estética branca, seja pelo contato físico e/ou verbalização.

Ressalto, ainda, o fato de nossa escola estar em uma região periférica de Belo Horizonte, na regional Barreiro, com 77% de estudantes do terceiro ciclo autodeclaradas/os negras/os, sendo 81% meninas e 73% meninos⁷. Refletir as desigualdades e subjetividades raciais e de gênero na Educação e de que forma elas se manifestam no “chão da escola” é fundamental para que entendamos a dimensão do problema que enfrentamos e a importância da educação para as relações étnico-raciais.

O PROCESSO

2018

Diante da intenção de sensibilizar a escola para a educação das relações étnico-raciais, o trabalho com a Educação Física se dá, durante todo o ano, pautado em docência que preza pela prática muito além da perspectiva curricular. Assim, como ampliar esse trabalho e a visibilidade às questões raciais na escola?

Organizei a proposta de ensaio fotográfico e exposição, inspirado em trabalho do professor Luan Ribeiro⁸. Durante semanas, preparei a proposta de trabalho, em seus mínimos detalhes pedagógicos e logísticos, e apresentei ao grupo docente para, então, dar sequência com as turmas. Seria uma pequena ação para a Semana da Consciência Negra. Posteriormente, o ano subsequente experimentou uma maior elaboração nesta fase preparatória.

Um grupo de 30 estudantes negras/os foi convidado, em meados de outubro, para realizar um ensaio fotográfico de releituras de fotografias de personalidades negras para compor uma exposição. As/os estudantes assistiram a uma exposição histórica e fotográfica das personalidades escolhidas previamente. Além disso, puderam também escolher alguma

7. Os dados foram levantados a partir do registro de matrícula de estudantes.

8. Professor da rede municipal do Rio de Janeiro que apresentou experiência semelhante com suas turmas no II Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros da Região Sudeste, em 2018.

pessoa negra que não estivesse representada dentro daquelas pré-selecionadas⁹. Muito embora fosse possível trabalhar apenas com personalidades brasileiras, foram trazidas muitas representações estadunidenses¹⁰.



Figura 3 – Releituras de Nelson Mandela, Will Smith e Huey Newton (Projeto, 2018).

Ao todo, participaram do ensaio 13 meninos e 12 meninas, dois professores, uma professora e uma funcionária da limpeza. Todas/os trouxeram autorizações para participar do projeto e de uso de imagem.

Através de um convite feito pelas redes sociais, dois fotógrafos e uma fotógrafa¹¹ toparam participar. Infelizmente, o trabalho foi realizado de forma voluntária e o transporte foi pago por iniciativa individual docente, um problema crônico da escassez de recursos de nossa educação básica.

A caracterização de personagens foi feita com roupas e acessórios levados por estudantes e por mim, e as fotografias foram realizadas na escola, durante o horário letivo. Dias depois, as/os participantes foram convidadas/os para verem suas fotos antes da exposição e receberam todas as suas fotografias produzidas no formato digital.

9. Cartola, Jorge Aragão, Marielle Franco, Glória Maria, Racionais, Negra Li, Taís Araújo, Luiz Gama, Muhammad Ali, Malcom X, Dr. King, Michael Jordan, Angela Davis, Will Smith, Whoopi Goldberg e Michael Jackson são algumas das mais de 30 personalidades representadas.

10. Tendo consciência do processo de dominação cultural do norte global sobre nossa sociedade, é importante que trabalhe-mos mais com referências brasileiras e de nossa “América Ladina” — conceito cunhado pela professora Lélia Gonzalez. Foi, contudo, uma opção estratégica trabalhar também com referências estadunidenses nesse primeiro momento pela sua disseminação cultural e histórica.

11. Daniel Pitanga, Pablo Ewrick e Letícia Souza.



Figura 4: – Releituras de Marielle Franco, Angela Davis e Negra Li (Projeto, 2018).

Além disso, foram convidadas/os a produzir uma minibiografia e a pesquisar sobre as personalidades que representaram. É importante dizer, trazendo a realidade do chão da escola, que nem todas/os realizaram esse papel da pesquisa com afinco. Ainda assim, a maioria o fez e boa parte trouxe retorno, contando as pesquisas que fizeram e vídeos que assistiram sobre as pessoas que interpretaram. Foi também montado pelo professor um painel explicativo sobre a Semana da Consciência Negra, desigualdades raciais no Brasil e a origem do Dia da Consciência Negra.

Várias/os estudantes se envolveram na montagem das fotos e textos para a exposição, que despertavam a curiosidade de quem passava. Findada, muitas/os estudantes tiraram fotos e conversaram sobre. Destaco o interesse de muitas/os funcionárias/os da escola com a exposição.



Figura 5 – Exposição (Acervo Pessoal, 2018).

Um dos receios era o de que o material — exposto durante os dois turnos de funcionamento da escola em um local em que transitam professores, funcionários e centenas de estudantes — pudesse ser danificado ou retirado intencionalmente ou por intempéries físicas. Contudo, permaneceu intacto.

2019

A partir da experiência do ano anterior, notei a necessidade de melhorar os processos de compreensão do trabalho com as turmas para as quais leciono. É importante ter estratégia para ir ampliando o projeto e, naquele momento, apenas estudantes do nono ano participaram, de forma que, a cada ano, novas pessoas sejam contempladas. As águas que correm em um rio nunca são as mesmas.

Dessa forma, realizamos algumas dinâmicas sobre identidade com todas as turmas de nono ano que estariam envolvidas no projeto. Na primeira dinâmica, no primeiro trimestre, fizemos um jogo de perguntas refletindo questões de raça, gênero, sexualidade e classe e uma roda de conversa sobre nossas percepções. Já no segundo trimestre, realizamos uma atividade com literatura e música para refletirmos sobre a socialização masculina e nossas emoções, junto de uma produção textual com o tema “A última vez que quis chorar e não chorei”.

Por fim, realizamos uma brincadeira sobre valorização dos próprios colegas, escrevendo palavras nas costas uns dos outros sobre suas características positivas e, em outro momento, uma dinâmica sobre cabelo e palavras depreciativas sobre o mesmo. Logo após, identificamos com quais tipos de cabelo essas palavras estavam associadas e realizamos um debate sobre a importância de nossa estética.

Somente a partir daí, o projeto foi apresentado para as turmas e o convite foi aberto para quem quisesse participar, desde que compreendidos os objetivos e a importância da valorização do cabelo crespo/cacheado.

Para participarem, todas/os trouxeram autorização de uso de imagem e escreveram um texto sobre sua relação pessoal com o cabelo.

Ao todo, foram 37 estudantes, 15 meninos e 22 meninas, além de um monitor de inclusão e uma funcionária da limpeza. Foram convidadas, mais uma vez voluntariamente, duas fotógrafas negras¹² para realizarem o registro.

Nos dois anos, tive problemas com a escassez de recursos financeiros até mesmo para impressão de fotografias. É preciso também dizer e refletir sobre as condições materiais de trabalho na Educação Pública brasileira. Por ora, me furtarei desse debate, pois não é objetivo deste texto. Os desafios são diversos e isso não é uma forma de ocultá-los. Contudo, busco aqui falar de uma pedagogia das emergências (GOMES, 2017).

Novamente, contei com o auxílio de estudantes na organização e produção. Esse foi, inclusive, um espaço de boa abertura para estudantes não negras/os: auxiliar no roteiro dos grupos que seriam fotografados, recolher bilhetes de autorização, organizar com professoras/es a saída de sala de aula de quem participaria, entre outras demandas. Muitas meninas levaram itens de maquiagem e auxiliaram suas colegas. Meninos levaram camisas para emprestar para outros colegas em um processo de troca e apoio mútuo muito bonito.

12. Mayara Laila e Amanda Oliveira.



Figura 6 – Montagem e apreciação da exposição (Acervo Pessoal, 2019).

Também contei com apoio de um grupo de dez estudantes que ficaram completamente responsáveis por idealizar e montar a exposição. Conversamos também sobre o conceito de curadoria e fizemos o registro da equipe curadora na parede da exposição.

Persistir, avaliar e aprender. Eu acredito na possibilidade de uma “comunidade de aprendizado entusiasmada”¹³ (HOOKS, 2017, p.19).

2 “NÃO QUEREMOS SER O FUTURO, SOMOS O PRESENTE!” (DJONGA, 2017)

“Professor, é bom ser reconhecida pelo menos uma vez”. Essa frase veio de uma estudante que era um dos destaques positivos de sua turma em relação ao desempenho escolar e, entretanto, é notadamente invisibilizada. Foi uma das frases que mais me marcou durante todo o processo, uma das muitas daquilo que vai se configurando como saberes de experiência (BONDÍA, 2002), entendendo que experiência é aquilo que nos toca, o que nos acontece e o que nos transforma, e o saber de experiência é o que nos permite a própria transformação (BONDÍA, 2002).

No primeiro ano, ao serem convidadas/os para a apresentação do projeto, as/os estudantes ressaltaram a questão de sua negritude de uma forma muito positiva, reafirmando que só havia estudantes negras/os na sala, ansiosos para saber do que se tratava. Esse processo de identificação e afirmação positiva é extremamente importante, sobretudo para estudantes com dificuldades de assumir seu pertencimento racial. Após a primeira exposição do projeto, várias/os estudantes pediram para participar do ensaio e, dentro das limitações, mais alguns foram incluídos.

Já no segundo ano, o processo mais aprofundado com as turmas a fim de que compreendessem melhor os objetivos do projeto também foi fundamental para um maior envolvimento estudantil e redução das tensões que vieram, ao longo do tempo, pela participação quase exclusiva de estudantes negras/os. Avalio também que, em uma ampliação futura, é preciso organizar melhor para que esta compreensão atinja mais turmas.

Durante os ensaios fotográficos, as fisionomias demonstravam felicidade e positivação de autoestima. No primeiro ano, levei muitas roupas

13. bell hooks (2017) refere-se a uma Pedagogia Engajada, na qual professores devem investir na capacidade de estudantes terem maiores responsabilidades no processo de construção do conhecimento pelo exemplo de sua escuta atenta. O engajamento de uma turma não depende da força de vontade docente, mas do investimento no coletivo, formando uma comunidade de aprendizado entusiasmada.

de estética africana e de outras estéticas não-formais e pensei que teria resistência na sua utilização. Para minha surpresa, fizeram questão de permanecer com as caracterizações durante o recreio com toda a escola. No segundo ano, já no início do ano letivo, estudantes me procuravam para dizer que desejavam participar do projeto em 2019 e, inclusive, levaram suas próprias roupas, acessórios e maquiagem. A identidade de um projeto escolar vai aí surgindo.

Além desse processo de reconhecimento de importantes figuras históricas, ressignificação de estereótipos e valorização da estética negra, esse tipo de trabalho provoca um tensionamento ao tocar em questão muito velada no Brasil, que são as tensões raciais, e provocam incômodos por uma falsa impressão de valorização de um público em detrimento de outro.

Não ao acaso, surgiram questionamentos sobre “consciência branca”, sobre o porquê de somente estudantes negras/os serem fotografados no primeiro ano ou, ainda, sobre estarmos “falando demais” sobre racismo. Porém, muitas/os estudantes não negras/os também elogiaram a proposta e foram se engajando no processo de produção, compreendendo a diversidade de papéis sem necessariamente precisarem ser protagonistas. Obviamente, não falo que isso se deu de forma integral nas turmas, uma vez que tensões dialéticas são constantes.

Resgato as palavras da professora Nilma (GOMES, 2017) de que é preciso falar com respeito dos saberes identitários e estético-corpóreos constituídos pelo corpo negro. Por isso, é importante para toda a comunidade escolar que também falemos dessas figuras históricas, da nossa diversidade político-cultural e de nossa beleza.

Tais ações buscam a promoção da igualdade racial, em resposta aos mecanismos que historicamente buscam a manutenção de um *status quo* para a identidade nacional. Essa história que, por exemplo, ainda insiste em falar dos processos de abolição da escravidão como “libertação”, colocando a/o negra/o como sujeito passivo e acomodado e criando um estereótipo de corpos preguiçosos e acrílicos.

Nesse sentido, combater o racismo na escola também perpassa pelo corpo, pois é nele que recaem práticas de violência simbólica e de

desqualificação (FANON, 2008; hooks, 2015; MARANHÃO, 2008; PINHO, 2005), levando à baixa autoestima, à evasão e a fatores diretamente ligados ao desempenho escolar. Emerge, então, uma das potencialidades da Educação Física em valorizar a cultura negra e refletir sobre esses corpos.

A partir disso, trago outro questionamento: você, que está lendo, já parou para pensar sobre como seu olhar está atravessado pelo racismo estrutural¹⁴?

Educar para as relações étnico-raciais diz respeito a buscar educar para uma sociedade mais justa e respeitosa para todas/os e a educar pessoas que sejam capazes de construir essa sociedade a partir de hoje. Afinal, “não queremos ser o futuro. Somos o presente!” (DJONGA, 2017).

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP 3/2004. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília, 2004.

BONDÍA, J. Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan/fev/mar/abr, 2002.

DJONGA. Olho de Tigre. Intérprete: Djonga. Compositor: Djonga. *In*: DJONGA, **Heresia**. [Compositor e intérprete]: Djonga. Belo Horizonte: Ceia, 2017.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Bahia: Editora Edufba, 2008.

GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, mai./ago., p.75-85, 2003.

14. Conforme Silvio Almeida (2018), Racismo Estrutural. Para o autor, o racismo é decorrência da própria estrutura social e faz parte da “normalidade” das relações políticas, econômicas, jurídicas e familiares. Ele é um componente orgânico dessa estrutura e necessário para manutenção do estado capitalista. Importante também conhecer concepções diferentes, como a de Carlos Moore, contrária a uma análise marxista. Para Moore (2012), o racismo está acima da estrutura, sendo uma consciência coletiva historicamente determinada, materializando-se em uma questão de monopólio e gestão racializada dos recursos da sociedade.

_____. **O Movimento Negro Educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação.** Petrópolis: Vozes, 2017.

_____. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra.** 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e Sexismo na cultura brasileira (1980).** In: Primavera para as rosas negras. Lélia Gonzalez em primeira pessoa. São Paulo: União dos Coletivos Pan-Africanistas, p. 190-214, 2018.

hooks, bell. Escolarizando homens negros. **Revista Estudos Feministas**, v. 23, n. 3, 2015.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA/MEC. **Retrato das desigualdades de gênero e raça.** BRASIL: IPEA, 2016.

MARANHÃO, Fabiano. Relações étnico-raciais no contexto da Educação Física Brasileira. **Educação física escolar e relações étnico-raciais: subsídios para a implementação das leis**, v. 10, n. 03, p. 59-70, 2016.

MATTOS, Ivanilde Guedes de. **A Negação do Corpo Negro: representações sobre o corpo no ensino da Educação Física.** 2007. 196 f. Monografia (Mestrado em Educação e Contemporaneidade). Universidade do Estado da Bahia, Salvador, BA, 2007.

PINHO, Vilma Aparecida de. **Relações Raciais no Cotidiano Escolar: Percepções de Professores de Educação Física sobre Alunos Negros.** 2004. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Instituto de Educação: Universidade Federal de Mato Grosso, 2004.

Recebido: 06 janeiro 2021

Aprovado: 21 março 2021

Endereço eletrônico:

Izaú Veras Gomes

ivg000@hotmail.com